Paisagens ameríndias urbanas de Manaus, no Amazonas: primeiros olhares

José Agnello Andrade, Rodrigo Chiquetto e Yuri Bassichetto Tambucci

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1988>

DOI: 10.4000/pontourbe.1988

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

José Agnello Andrade, Rodrigo Chiquetto e Yuri Bassichetto Tambucci, « Paisagens ameríndias urbanas de Manaus, no Amazonas: primeiros olhares », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1988> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1988

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Paisagens ameríndias urbanas de Manaus, no Amazonas: primeiros olhares

José Agnello Andrade, Rodrigo Chiquetto and Yuri Bassichetto Tambucci

- 1 Em fevereiro de 2009, foi-nos dada a oportunidade de participação no Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) intitulado “Paisagens Ameríndias. Habilidades, Mobilidade e Socialidade nos Rios e Cidades da Amazônia”, parceria firmada entre o Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da Universidade de São Paulo e o Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A pesquisa conjuga três eixos de investigação:
- 2 1) o trabalho etnográfico entre povos indígenas e neotradicionais habitantes dos sistemas hidrográficos da região do Purus-Madeira, Alto Juruá e Rio Negro, visando observar suas condições materiais e vida social;
- 3 2) o levantamento sistemático de documentação e bibliografia sobre as atividades extrativistas na Amazônia nos séculos XIX e XX, tendo em vista igualmente uma reflexão sobre as condições materiais da vida social e as implicações sociais da mudança agrária e da economia extrativista na região e, por fim
- 4 3) uma etnografia de formas de lazer e modalidades de uso do tempo livre nos espaços de socialidade da população indígena nas cidades da Amazônia como modo de abordagem inovadora dos processos de incorporação da vida urbana pelas populações nativas (PROCAD-CAPES, Edital nº 01/2007).
- 5 Nossa participação se insere no terceiro eixo de investigação proposto para a pesquisa. Algumas questões norteadoras deste eixo investigativo podem ser colocadas de antemão. São elas:
- 6 • Como se dá o processo de inserção, no tecido urbano, das populações indígenas?
• Como se incorporam os jovens, principalmente, no circuito de lazer também utilizado

por jovens não-índios?

- Qual o papel e importância do tempo livre e dos equipamentos de entretenimento no estabelecimento de vínculos de convivência, estratégias de negociação e conflitos entre si e com não-índios?
- 7 Neste breve relato pretendemos abordar aspectos relevantes da primeira ida a campo que realizamos à cidade de Manaus, em janeiro de 2009, focando experiências vividas por três jovens estudantes de Ciências Sociais ao realizarem, pela primeira vez, uma incursão a campo de maior duração.
 - 8 O objetivo da primeira ida a campo foi, basicamente, exploratório; nosso intento foi o de buscar uma aproximação inicial com esta “província etnográfica” que nos era tão desconhecida, de forma a levantar e mapear elementos básicos, tanto por meio da etnografia, quanto de levantamentos documentais, para possibilitar definições específicas para os planos de pesquisa futuros do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da USP dentro da perspectiva colocada pelo já citado terceiro eixo de investigação do PROCAD. Procuramos levantar dados que possibilitassem e facilitassem a delineação e realização de pesquisas que se propusessem, explorar e identificar, mais detidamente, algumas modalidades de uso do tempo livre por parte de populações tradicionais, de forma a compará-las com os recentes estudos nesta direção realizados pelo NAU - e outros pesquisadores -, nas grandes cidades do sudeste. Este enfoque comparativo é crucial, na medida em que são notáveis as diferenças entre os aglomerados urbanos da região norte do país e os centros urbanos do sudeste, notadamente São Paulo, onde a maioria das pesquisas realizadas pelo Núcleo se deu.
 - 9 Além da grande diferença de escala das cidades, o marco diferencial da linha de pesquisa proposta é a grande presença de populações indígenas que habitam, ou frequentam, o espaço urbano, elaborando formas de interação particulares com a cidade e seus equipamentos. Sendo assim, o levantamento dos circuitos (Magnani, 1998) de lazer em cidades de tamanhos diferentes permitirá trabalhar, não apenas, com as escalas urbanas, mas, também, com as diferenças de gostos, de preferências e com a criação de alternativas de usos da cidade que as populações indígenas incorporam na esfera de sua vida cotidiana.
 - 10 Entendemos como um dos principais interesses do Núcleo, na participação deste projeto, a abertura de uma nova linha de pesquisa que reforce os laços com a Etnologia Indígena. A intenção é a de observar até que ponto as reflexões e categorias forjadas no contexto dos estudos da metrópole servem para pensar outros recortes empíricos. A cidade de Manaus se encaixa “como uma luva” neste experimento. O termo “experimento” é o que melhor define as atividades do NAU voltadas para o projeto “Paisagens Ameríndias”. Pois nossos esforços estão concentrados em colocar à prova categorias já estabelecidas em pesquisas urbanas realizadas há pelos menos vinte anos, em um diferente contexto etnográfico e procurando, sempre, relativizar construções rígidas em busca de inovações teóricas e metodológicas.
 - 11 Como mencionado, a missão exploratória da qual fizemos parte pretendeu atuar como o primeiro passo para a delineação do leque de atividades dos pesquisadores do NAU no intento inovador compreendido por este projeto de pesquisa para os próximos anos. Para tanto, fizemos uso da já estabelecida dinâmica de atividades do Núcleo, realizando discussões constantes das experiências de campo e de bibliografia, valorizando a experiência pessoal de cada pesquisador durante o período de campo, tida como essencial para o enriquecimento das pesquisas que compõem o conjunto de trabalhos do NAU.

Nesse sentido, criamos, durante o período da missão, um blog com registros das experiências diárias de campo e reflexões preliminares para que o compartilhamento dos achados com os membros que permaneceram em São Paulo pudesse auxiliar o próprio direcionamento das atividades que foram realizadas em Manaus. Esta experiência de um “caderno de campo on-line” e coletivo foi extremamente frutífera, para muito além do levantamento de dados etnográficos propriamente ditos, configurando-se um laboratório para a realização de experimentos metodológicos.

- 12 O “corpo de princípios guias” preliminares que nos orienta em nosso intento etnográfico em Manaus é, de maneira geral, o mesmo das pesquisas realizadas pelo Núcleo nas metrópoles da região Sudeste e que, em termos metodológicos, consiste no ajuste do foco da observação de forma a não perder de vista a série de processos macroestruturais que envolvem a dinâmica das metrópoles e, ao mesmo tempo, permita observar os habitantes da cidade sem se perder em conclusões demasiado particularistas, no nível das escolhas individuais. A este olhar que procura observar os atores sociais e sua apropriação da malha urbana identificando regularidades denomina-se “de perto e de dentro”. Nota-se a convergência desta perspectiva teórico-metodológica com o objetivo fundamental da pesquisa a ser realizada quando se procura alocar como prioritária à análise os arranjos criativos que os atores sociais inseridos em rede na malha urbana são capazes de criar, ao contrário de considerá-los como arrebatados e levados pelas correntezas de conjunturas macro-econômicas desagregadoras da vida social atuantes nas metrópoles. Esta perspectiva valoriza a busca de incorporações e arranjos realizados pelas populações indígenas das dinâmicas citadinas e sua inserção nestes meios como atores dotados de agência e criatividade transformadora que se colocam em relação com os diversos elementos que compõe o ambiente urbano sempre na forma de relações negociadas entre si e com não-índios.
- 13 O desafio que se nos colocou foi o de mapear, preliminarmente, as possibilidades de futuras pesquisas, mais aprofundadas e focadas, previstas para os próximos anos. Ficamos incumbidos de realizar levantamentos bibliográficos e etnográficos durante nosso período de campo em Manaus. Rapidamente, notamos a importância e responsabilidade que tal tarefa nos impunha e diversas questões colocaram-se à nossa frente. Como realizar a exploração de uma cidade composta por mais de 2 milhões de habitantes, cujo perímetro urbano ultrapassa as dimensões do centro expandido de São Paulo? Claro que tínhamos um foco de interesse determinado, mas junto a ele inúmeras questões se colocavam. Quem são “os índios”? Como iniciar a etnografia em um terreno que nos era completamente novo? E como proceder de forma a trazer dados frutíferos e contribuições relevantes, tanto para nossas futuras pesquisas quanto para os próximos pesquisadores que integrariam o projeto de pesquisa?
- 14 A solução encontrada foi o planejamento semiestruturado de trabalho de campo intensivo. Semiestruturado porque nos mantivemos extremamente abertos às possibilidades inusitadas que se colocassem ao longo de caminho. Procuramos abordar, inicialmente, circuitos de lazer de forma geral. Concentramos nossos esforços e tempo na região central da cidade, já que por ela poderíamos circular de forma “anônima” e sem a necessidade de intermediários. Passamos, mais tarde - e mais ambientados -, à busca de equipamentos de lazer localizados em bairros mais afastados do Centro. Estas andanças e etnografias iniciais foram de muita utilidade para que pudéssemos ter alguma ideia da atual configuração urbana da capital manauara. Realizamos longas caminhadas, circuitos de ônibus e recorremos até mesmo à boa e velha “carona”.

- 15 Durante a expedição os “estranhamentos” e as “familiaridades” se colocavam constantemente. Manaus demonstrou-se para nós, de forma imediata, como uma cidade extremamente “cosmopolita”. Sua parte central se assemelha muito ao ambiente em que estamos acostumados a conviver em São Paulo; mas, ao mesmo tempo, algumas características se colocaram de forma inicial como diferenciadoras, como a marcante presença do Rio Negro e das dezenas de igarapés que se embrenham por toda a cidade. Procuramos circular pela região central em diversos horários diferentes, visitamos diversos mercados (Manaus Moderna, Mercado do Produtor), frequentamos diversos bares ditos “tradicionais” (Bar da Bica, Cinco Estrelas, Chão de Estrelas) e outros “nem tanto” (Bares da Estação Hidroviária, Bar do Jangadeiro), etnografamos movimentações em Praças Públicas (Praça do Congresso) e outras “nem tanto” (Largo São Sebastião), caminhamos sob as palafitas que margeiam igarapés na região central (Igarapé Bittencourt, Igarapé Amazonas), conhecemos hotéis/motéis da região, pontos de realização de programas e casas de strip-tease (tanto na região central como em bairros periféricos). Acompanhamos festas e movimentações em torno de grandes equipamentos de lazer como o sambódromo e o estádio de futebol conhecido como Vivaldão, além de procurarmos locais frequentados por jovens, e outros nem tanto, ligados ao rock, punk, metal, samba, bolero, forró e “brega”. Durante todos estes percursos sempre nos mantivemos atentos à interação com os frequentadores, mesmo correndo alguns riscos devido à nossa evidente aparência de “estrangeiros”.

Praça São Sebastião, com o Teatro Amazonas ao fundo.

Foto: Yuri Bassichetto, 2009.

Praça central da cidade.

Foto: Yuri Bassichetto, 2009.

Saída do Bica, bloco carnavalesco de rua.

Foto: Yuri Bassichetto, 2009.

O complexo do estádio municipal e do sambódromo serve de espaço para uma festa de carnaval.
Foto: Yuri Bassichetto, 2009.

- 16 Conjuntamente a estas atividades, nos propusemos visitar diversas instituições que possuísem acervos ou informações que pudessem nos direcionar a locais novos na exploração da cidade. Algumas delas foram UFAM (Universidade Federal do Amazonas), FEPI (Fundação Estadual dos Povos Indígenas), FUNAI, Museus do Índio, AMARN (Associação das Mulheres do Alto Rio Negro), Associação das Mulheres Sateré-Mawé, Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, NEAI (Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena), Museu do Homem do Norte, Programa Waimiri-Atroari e o Museu Amazônico. Foi através de contatos e informações obtidos nestes locais que conseguimos conhecer algumas “comunidades indígenas” que estavam localizadas na área metropolitana de Manaus, como a “comunidade Wotichimaucü” (Tikuna), localizada no bairro da Cidade de Deus e a “comunidade Y’Apyrehit” (Sateré-Mawé), localizada do bairro Redenção. Com estas informações diversificamos nossas expedições a campo, muitas vezes nos dividindo para que pudéssemos continuar o levantamento das modalidades do uso do tempo livre e equipamentos urbanos de lazer de forma geral, mas pudéssemos nos focar, também, na aproximação com estas “comunidades”.
- 17 Devido à positividade com que fomos recebidos pelos membros da “comunidade Y’Apyrehit”, decidimos prolongar nossa interação com eles, procurando expandir nossa rede de contatos. Nas diversas visitas que lhes fizemos, pudemos conhecer todos os moradores da “comunidade”, assim como alguns moradores da “comunidade Waikiru” (Sateré-Mawé). Fomos convidados a conhecer a “comunidade Inhaã-Bé” (Sateré-Mawé) localizada às margens do igarapé Tarumã-Açu, oportunidade em que tivemos uma convivência mais prolongada e extremamente frutífera com diversas famílias moradoras das comunidades da etnia Sateré-Mawé localizadas em Manaus.
- 18 Todas as incursões a campo foram intensamente registradas em cadernos de campo pessoais de cada um de nós. Ao término do dia, nos reuníamos e realizávamos uma síntese

“a seis mãos” a mais completa possível e que, posteriormente, era “postada” no blog e compartilhada com os pesquisadores do Núcleo, que nos apresentavam seus comentários no próprio blog. Em 28 dias de expedição foram escritas mais de cem páginas do “caderno de campo virtual”. Outra ferramenta utilizada foi o software de mapeamento *Google Earth*. Nele inserimos todas as informações que coletávamos, todos os trajetos que realizávamos, todos os equipamentos urbanos de lazer que levantávamos e todas as atividades que acompanhávamos. Ao final construímos um mapa da expedição que facilitou muito a visualização do espaço urbano de Manaus e possibilitou o reconhecimento de características importantes.

- 19 De volta a São Paulo, as atividades continuam. Foi formado um subgrupo de estudos, apelidado de NAU-Amazônico, do qual fazem parte estudantes que pretendem desenvolver pesquisas voltadas para o eixo de investigação do PROCAD – Paisagens Ameríndias. Neste grupo, que se reúne desde meados de fevereiro para a discussão da bibliografia relevante para o tema, estão sendo elaborados quatro projetos de iniciação científica e dois de Mestrado, a serem realizados nos próximos anos. Além disso, reuniões mensais são programadas com os professores da FFLCH/USP vinculados ao PROCAD (Profa. Dra. Marta Amoroso, Prof. Dr. Márcio Silva e Prof. Dr. José Guilherme Magnani) e seus respectivos orientandos. Parte importante do Programa de Cooperação Acadêmica é a possibilidade de troca entre pesquisadores de diferentes instituições, neste caso USP e UFAM. Durante o início deste ano foram recebidos, em São Paulo, dois bacharelados do curso de Ciências Sociais e um mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, todos da UFAM.
- 20 No mês de julho de 2009 uma segunda expedição à capital manauara já foi planejada. Neste segundo momento de aproximação etnográfico do objeto de pesquisa a fase de reconhecimento e exploração já foi superada. Os pesquisadores envolvidos já estão com objetos de investigação delineados. Sendo assim, esta segunda ida a campo já tem parâmetros mais definidos

AUTHORS

JOSÉ AGNELLO ANDRADE

NAU

RODRIGO CHIQUETTO

NAU

YURI BASSICHETTO TAMBUCCI

NAU